

QUEM PRECISA DE RELIGIÃO?

Luciana Hidalgo (UERJ)

DAVID, Sérgio Nazar. *Freud & a religião*. Coleção Psicanálise Passo-a-Passo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, 72 p.

Freud & a religião, de Sérgio Nazar David, contém um paradoxo embutido já no título. O criador da psicanálise, assumido ateu, escreveu toda uma obra estruturada na asserção de que a religião é uma ilusão, isto é, existe apenas no imaginário humano como artifício para preencher a ausência do pai – Deus se encaixaria com perfeição, portanto, no papel de ator-substituto da “onipotência” paterna. Um interlocutor de Freud, o pastor protestante Pfister, contudo, ousou desconfiar deste “mandamento” freudiano, ao lhe escrever: “O senhor não é ateu; quem vive para a verdade vive em Deus” (p. 35). Estaria Pfister, com esta afirmação, aproveitando-se de uma fissura no pensamento de Freud para auscultar-lhe um inconsciente “sentimento oceânico”?

Nazar investiga este universo de aporias psicanalíticas/místicas e é exemplar na execução da tarefa proposta pela editora Jorge Zahar na *Coleção Passo-a-Passo* (uma série de livros curtos e didáticos acerca de diversos temas, em linguagem acessível e abordagem atual). Em texto claro, fluente, e não por isto menos consistente teoricamente, o autor desfia a complexidade das idéias de um Freud sem religião, para quem “o cerimonial neurótico se parece muito com os atos sagrados do rito religioso” (p. 36). *Freud & a religião* faz a aproximação de temas delicados, para não dizer polêmicos, da obra freudiana, com um generoso acréscimo: a explicitação de conceitos básicos da psicanálise para leigos (o que significam, por exemplo, o ato falho, o inconsciente, o recalque, as pulsões, etc.).

Uma livre associação se aplica imediatamente: se é possível afirmar que a religião é uma ilusão, também se pode cogitar a possibilidade de ser a psicanálise uma espécie de religião, o que logicamente levaria à proposição: a psicanálise é uma ilusão. Para evitar a celeuma, porém, logo na introdução (p. 8-9), Nazar David faz a defesa de Freud:

ao afirmar no final do referido livro 'não, nossa ciência não é ilusão', o que Freud está dizendo é exatamente o contrário de tal argumento: que a psicanálise não tem a pretensão de construir um sistema totalizante, capaz de explicar tudo; que não é uma ilusão (como a religião é). Por isso, quase não mereceria a denominação de 'ciência'. (...) A psicanálise é uma teoria sobre o homem que não chega para dizer a Verdade, mas sim para indagar uma terra sempre estrangeira, o inconsciente.

Para Freud, portanto, a fé em Deus é distinta da fé no inconsciente, embora na época da divulgação de suas teses este último constituísse elemento tão misterioso quanto o deus judaico-cristão. A diferença é que as pulsões sexuais podem ser igualmente severas e imperativas, por vezes escravizantes, mas configuram algo pessoal e intransferível, não universal e livre da carga fantasiosa da luta católica contra um Mal externo. Com a psicanálise, o "mal" passa a ser relativizado e interno, ou está simplesmente na civilização, no outro, não constituindo mais uma "tentação" dogmatizada pela Igreja como delírio diabólico de proporções épicas – tão bem exemplificado por Gustave Flaubert no recém-lançado *As tentações de Santo Antônio* (São Paulo: Iluminuras, 2004), sobre o santo dos séculos III/IV cuja existência foi pautada por todos os clichês católicos relacionados à idéia de "tentação".

A questão da fé mais generalizada, desvinculada de uma religião em particular, também é levantada por Freud, em *O mal-estar na civilização*, quando o autor menciona a correspondência trocada entre ele e Romain Rolland. Em resumo, Rolland crê na existência de um sentimento de "eternidade", ou "oceânico", independente da fé em alguma religião. Freud diz ignorar essa

unidade com o universo em si mesmo, reconhecendo o fenômeno religioso como simples artimanha do ego ao se defender do perigo que vem do mundo externo.

Freud & e a religião oferece uma síntese da linha-mestra do pensamento psicanalítico quanto ao tema proposto:

A neurose obsessiva é uma religião íntima. Seu cerimonial parece absurdo, enquanto os cerimoniais religiosos parecem cheios de propósito. Entretanto, adverte Freud, os atos obsessivos de despropositados têm apenas a aparência. Tanto o homem de fé quanto o neurótico obsessivo querem ser salvos, e crêem-se grandes pecadores e crêem também possível resguardarem-se de toda e qualquer angústia através do conjunto de atos que se impõem por dever. (...) Freud dirá que os devotos acabam por se salvar de certo risco de certas enfermidades neuróticas. A religião (neurose universal) os livra de uma neurose pessoal. (p. 37)

Embora estudiosos como o psicanalista Erich Fromm cheguem a ver a psicanálise como uma espécie de busca religiosa, Sérgio Nazar David adverte no último capítulo: a teoria psicanalítica não visa à salvação. E este é um argumento bastante válido quando se tem em mente que o inconsciente é, não só uma terra estrangeira, mas movediça e por vezes traiçoeira. Sendo assim, quem precisa de religião?